

**A POESIA FEMINISTA NO CONTEXTO DE PRIVAÇÃO DE
LIBERDADE: PENSANDO PRÁTICAS DE LETRAMENTO NA
UNIDADE FEMININA DE SOCIOEDUCAÇÃO EM INTERNAÇÃO
NO RIO DE JANEIRO**

FEMINIST POETRY IN THE CONTEXT OF DEPRIVATION OF FREEDOM:
THINKING ABOUT LITERACY PRACTICES IN THE FEMALE
SOCIOEDUCATION IN RIO DE JANEIRO

LA POESÍA FEMINISTA EN EL CONTEXTO DE PRIVACIÓN DE LIBERTAD:
PENSANDO LAS PRÁCTICAS DE ALFABETIZACIÓN EN LA UNIDAD DE
SOCIOEDUCACIÓN FEMENINA EN RÍO DE JANEIRO

Ana Clara PEIXOTO¹

claraana@id.uff.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

<https://orcid.org/0000-0001-6971-7307>

Submetido 11/11/2023 Aceito 10/09/2024

RESUMO:

O presente artigo tem por objetivo mostrar, através de roda de leitura com adolescentes de unidade socioeducativa de internação, como é importante pensar letramento. A partir de entrevista com representante da coordenação do centro socioeducativo Professor Antonio Carlos Gomes da Costa e com análise da rodas de leitura que se deram a partir do livro: "Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta" de organização de Mel Duarte, serão apresentadas algumas discussões que entrelaçam letramento, feminismo e a privação de liberdade. A partir de fragmentos da entrevista, dados referentes a socioeducação em internação e memórias das trajetórias dessas adolescentes, busca-se aqui pensar a emergência de construir novas formas de educação nesses espaços.

¹Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestra em Educação (Linha de pesquisa Estado, Trabalho-Educação e Movimentos Sociais) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2023) Graduada em Produção Cultural pela Universidade Federal Fluminense (2020). Tem experiência na área de Ciências Sociais, Estudos de Gênero, raça e classe e Educação, com ênfase em na privação de liberdade de jovens e adolescentes. É Educadora popular da Rede Emancipa (Emancipa no DEGASE) desde 2019. Foi produtora do Grupo Teatral KRIADAKI - grupo composto por egressos do sistema prisional - (2019-2020) e desde 2019 é pesquisadora do PSV (Perceber sem ver) da Universidade Federal Fluminense, grupo de pesquisa e extensão que realiza oficinas e diálogos com pessoas cegas e de baixa visão. Também atua desde 2020 no Escrevivendo a liberdade - Grupo de pesquisa e extensão com parceria com a Universidade do Estado do Rio de Janeiro que se propõe a discutir leituras, remição de pena, desencarceramento e Escrevivências (termo cunhado pela autora Conceição Evaristo) e elaborar oficinas de escrita literária e leitura para adolescentes que estão em internação no DEGASE – RJ.

Para elaborar essa discussão a escrita conta com a ajuda de PETIT (2009;2013), GODINHO (2022), LORDE (2019) e outras autoras que discutem feminismo, literatura e poesia.

Palavras-chave: Socioeducação. Letramento. Feminismo. Privação de liberdade. EJA.

ABSTRACT:

This article aims to show, through a reading circle with adolescents from a socio-educational unit, how important it is to think about literacy. Based on an interview with a representative from the coordination of the socio-educational center Professor Antonio Carlos Gomes da Costa and with an analysis of the reading circles that took place based on the book: "Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta" organized by Mel Duarte, some discussions will be presented that intertwine literacy, feminism and deprivation of freedom. Based on fragments of the interview, data relating to socio-education and memories of the trajectories of these teenagers, we seek here to think about the emergence of building new forms of education in these spaces. To elaborate this discussion, the writing has the help of PETIT (2009;2013), GODINHO (2022), LORDE (2019) and other authors who discuss feminism, literacy and poetry.

Keywords: Socioeducation. Literacy. Feminism. Deprivation of liberty. EJA.

RESUMEN:

Este artículo tiene como objetivo mostrar, a través de un círculo de lectura con adolescentes de una unidad de internación socioeducativa, cuán importante es pensar en la lectura. A partir de una entrevista con un representante de la coordinación del centro socioeducativo Profesor Antonio Carlos Gomes da Costa y con un análisis de los círculos de lectura que se realizaron a partir del libro: "Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta" organizado por Mel Duarte, se presentarán algunos debates que entrelazan lectura, feminismo y privación de libertad. A partir de fragmentos de la entrevista, datos relativos a la socioeducación en internación y memorias de las trayectorias de estos adolescentes, buscamos aquí pensar en el surgimiento de la construcción de nuevas formas de educación en estos espacios. Para elaborar esta discusión, el escrito cuenta con la ayuda de PETIT (2009;2013), GODINHO (2022), LORDE (2019) y otros autores que discuten sobre feminismo, literatura y poesía.

Palabras clave: Socioeducación. Literatura. Feminismo. Privación de libertad. EJA.

1. Introdução

A intenção deste artigo é compartilhar a respeito dos encontros de letramento na unidade feminina Professor Antônio Carlos Gomes da Costa. As aulas foram construídas

a partir de leituras de autoras do livro “Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta”, organizados por Mel Duarte e com participação de mais de quinze escritoras que pensam a poesia e o slam, como forma de enfrentar os eventos do cotidiano. Dentre as poesias presentes no livro, encontram-se escritas que denunciam a herança do patriarcado, o machismo e diversos outros tipos de atravessamentos interseccionais.

A leitura faz parte da construção do outro e da construção de si, como dirá a antropóloga francesa Michèle Petit, em algumas de suas obras, que também serão apresentadas aqui para contextualizar os encontros com as adolescentes e jovens internas na unidade. Além das práticas de letramento terem importância na trajetória do jovem, elas tomarão uma proporção singular nos ambientes em privação de liberdade. A leitura e a escrita serão entendidas não apenas como conhecimento de si e do mundo, mas também serão usadas como fuga da realidade e também como denúncia. Ou seja, para além de práticas de leituras dentro desses espaços, é importante que essas internas também sejam incentivadas a escrever, já que elas versarão sobre uma realidade que é apenas do conhecimento delas. Elas falando por elas mesmas sem que seja necessário um porta voz. Os professores Ana Cláudia Godinho e Elionaldo Julião defendem a fundamentalidade do letramento e da literatura originada em espaços de privação de liberdade

A importância destas obras enquanto práticas de letramento produzidas no contexto prisional está principalmente em visibilizar sujeitos que, durante o encarceramento, não encontram nenhum canal de comunicação com a sociedade. Sua voz tem escuta apenas por advogados, promotores e juízes. Assim a sociedade em geral ignora o cotidiano da prisão, as experiências e suas marcas subjetivas em que vive a privação de liberdade (GODINHO; JULIÃO p.140)

Seguindo esse pensamento, entender a importância da construção de espaços nos quais esses adolescentes possam ser vistos para além dos seus processos e medidas legais, é propiciar novas formas de compreensão da realidade. Adolescentes privados de liberdade surgem com questões que tratam desde a importância da leitura até a relação deles com os livros dentro dos espaços educativos formais. Falam sobre a leitura como meio para combater o tédio e os pensamentos negativos. Em relação a esses pensamentos, eles frequentemente questionam sobre a possibilidade de ler a bíblia ou livros de cunho religioso. Para além de perguntarem sobre essas leituras, é comum ocorrerem episódios onde os educandos se negam a trabalhar textos com presença de elementos de religiões

de matrizes africanas ou mostram resistência ao debate sobre igreja e novas literaturas que confrontam discursos opressores. Por essas e outras razões, objetiva-se aqui, pensar referências outras dentro da privação de liberdade. As oficinas apresentadas aqui se deram no contexto da educação popular dentro desses espaços já com a intenção de utilizar leituras próximas a realidade das adolescentes que se encontram na socioeducação em internação no Rio de Janeiro. É importante pensar que novas narrativas e escritas precisam ser trazidas para esses espaços. Não é o objetivo neste artigo realizar críticas às leituras religiosas evangélicas. Contudo, se faz emergente o entendimento de que formas outras de enxergar a realidade precisam ser debatidas na privação da liberdade para além do campo neopentecostal.

Entendendo todos os movimentos que acontecem nos encontros educacionais dentro da privação da liberdade, como interlocuções que, serão diretamente afetadas pelas dinâmicas sociais, pode-se construir a hipótese de que, sendo a leitura elemento constituinte da formação do indivíduo e da sociedade, ela tem papel decisivo no processo formativo do adolescente que está privado de liberdade. Estamos falando de jovens e adolescentes que, em sua maioria, lidam com dinâmicas como: evasão escolar, índices elevados de analfabetismo, distorção idade-série e tudo isso dentro de um quadro de vulnerabilidade socioeconômica. Tais especificidades estão imbricadas com a realidade do tráfico de drogas, violência nas comunidades e atravessamentos de classe, raça e gênero.

Assim, trazidos todos esses elementos introdutórios, aqui também será apresentada a unidade de internação feminina, no que consiste a coordenação e estrutura do espaço. Também serão evocados fragmentos de entrevista realizada com a coordenação da unidade. Essa entrevista fez parte de uma pesquisa que culminou em um projeto de dissertação (2023). Alguns pontos específicos serão citados nestas páginas para que seja possível que o leitor se localize em relação a socioeducação em internação. Após isso, serão elencadas as discussões feitas mediante aos encontros com a leitura dos textos. Pensando nos atravessamentos e memórias que foram despertadas a partir dessas práticas de letramento no interior da unidade, será realizada uma discussão para refletir tanto as questões trazidas pela coordenação, como as falas que apareceram durante as oficinas.

2. O PACGC

Professor Antonio Carlos Gomes da Costa (PACGC) é a unidade de internação feminina do DEGASE. Fundado em 1994 durante o governo Brizola, o Departamento Geral de Ações Socioeducativas, surgiu para substituir a Fundação Centro Brasileiro para a Infância e Adolescência (FCBIA), fundação pública federal responsável pela execução das medidas socioeducativas da época. O Estado do Rio de Janeiro era, até então, a última Unidade da Federação que ainda mantinha a estrutura federal para execução de tais medidas, tendo em vista ter sido Capital Federal, competindo a Fundação Nacional do Bem Estar do Menor (FUNABEM) tal tarefa. Com o advento do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) em 1990, a FUNABEM foi extinta, dando lugar a FCBIA, que com a estadualização da execução de medidas socioeducativas, foi substituída pelo DEGASE.

Atualmente o Departamento conta com oito unidades de internação, sendo cinco delas situadas na cidade do Rio de Janeiro e as outras três nos municípios de Volta Redonda, Belford Roxo e Campos dos Goytacazes. As unidades de internação na cidade do Rio de Janeiro estão nos bairros Ilha do Governador (4) e em Bangu (1). Além das unidades de internação, o DEGASE também é diretamente responsável pelas unidades de semiliberdade. Essas unidades são popularmente conhecidas como CRIAAD - Centros de Recursos Integrados de Atendimento ao Adolescente - ao todo são dezesseis unidades de semiliberdade, sendo cinco localizadas na cidade do RJ e as demais distribuídas em outros municípios do Estado. No PACGC funcionam as unidades de acautelamento, internação e internação provisória. Diferente das unidades de internação masculina situadas na Ilha, a problemática da superlotação não é algo preocupante se tratando da internação feminina. No dia 10 de janeiro de 2023, dia em que a entrevista com a coordenação foi realizada, o PACGC contava com apenas 18 internas.

A representante entrevistada da direção foi Luanna Mendes Vidal. Pedagoga formada na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), Luanna (que na época da entrevista atuava como diretora adjunta mas atualmente é diretora interina) ocupa a posição de direção na unidade desde junho de 2022. A diretora formou-se em 2010 e passou a trabalhar junto à assistência social de um CREAS (Centro de Referência de Assistência Social) na Tijuca, prestou concurso para o DEGASE e entrou no Departamento no ano de 2012. As três diretoras do PACGC são pedagogas por formação.

No início da entrevista, foi perguntado à entrevistada se acreditava que há diferença no olhar de um profissional da educação na coordenação das unidades socioeducativas.

[...] a visão acaba sendo um pouco diferente, porque a gente pensa na socioeducação como um todo, sem esquecer também da segurança. Então a gente consegue mensurar, analisar e planejar as atividades pensando tanto no cunho educacional como também no cunho da segurança. A gente consegue fazer uma junção dos dois para que a socioeducação aconteça. Então a gente não pode esquecer que estamos também numa unidade que... além de preconizar e priorizar a questão da educação, a questão da ressocialização, da socioeducação como um todo... é uma unidade de segurança também. Então a gente tem que ter esse olhar diferenciado para entender as questões que circulam em toda e qualquer atividade que vai ser realizada na unidade (VIDAL, Luanna, 2023. Entrevista concedida a autora)

Falou brevemente sobre o que as pessoas de sua vida pensavam sobre o trabalho que desempenha no DEGASE e afirmou que a maior dificuldade dentro da internação feminina são as brigas entre as internas por ciúmes uma das outras. A diretora adjunta disse que o trabalho no PACGC não é tão dificultoso por não enfrentar questões como a superlotação e por se tratar de um número menor de internas, é possível conhecer cada uma delas mais profundamente. Também foi perguntado se ela enxerga pontos positivos em se trabalhar com medida socioeducativa de internação.

[...] É algo que eu gosto. Eu gosto da socioeducação. Eu entrei pra socioeducação sabendo com o que eu ia lidar, sabendo do meu público-alvo e eu entrei sabendo que era o que eu queria trabalhar. Então... as maiores dificuldades que a gente tem, assim, vai ser mais questões do próprio cotidiano, entendeu? E... e da mesma forma que as... as vantagens, né, de se trabalhar nas unidades... e aí a diferença maior entre trabalhar numa unidade como eu trabalhei antes... (VIDAL, Luanna, 2023. Entrevista concedida a autora)

Além de comentar sobre os pontos positivos de se trabalhar com a socioeducação, Luanna contou que o maior desafio para ela é trabalhar em uma unidade que lida com três medidas diferentes: internação, internação provisória e acautelamento. Para a pedagoga, essa foi a transição mais complexa quando ela saiu da internação masculina e passou a trabalhar no PACGC. Como para cada internação, serão aplicadas normas distintas, foi uma grande transição ter que aprender especificidades que anteriormente eram desconhecidas.

No PACGC há um número grande de atividades e algumas delas só acontecem quinzenalmente para dar espaço a outras. Assim como nas outras unidades de internação, a assistência religiosa estará presente como direito assegurado pelo Estatuto da Criança e

do Adolescente (art. 94, XII do ECA). Porém a religião também se faz presente através de alguns cursos profissionalizantes que são coordenados por grupos evangélicos, como por exemplo o curso de cabeleireiro que é uma ação do Prosa (Igreja Batista). A diretora narrou sobre algumas problemáticas enfrentadas com alguns destes grupos de cunho religioso que desenvolvem outros tipos de atividades.

A gente faz um acompanhamento de ir periodicamente nas atividades e inclusive questionar as adolescentes, o que que elas trazem... que que... a devolutiva da atividade para elas, porque... como a gente tem algumas entidades religiosas que exercem atividades com elas, às vezes o instrutor se perde um pouco e acaba entrando muito mais no cunho religioso do que na atividade proposta. Então a gente tem sempre esse feedback conversando também com eles, dizendo que naquele momento não é um momento de evangelização, porque temos momentos de assistência religiosa. Então a assistência religiosa, ela não pode ser confundida com a atividade profissionalizante ou a atividade que está sendo feita... com cunho mais... é... voltado pra educação ou para profissionalização, entendeu? (VIDAL, Luanna, 2023. Entrevista concedida a autora)]

Em entrevista, a diretora também disse que acredita que atualmente não há necessidade de nenhuma atividade nova para as internas. Também foi perguntado se acredita que o Departamento possui recursos necessários para assegurar medidas socioeducativas de qualidade. Luanna responde: “Você quer fazer uma pergunta pra direção sobre isso... (- rindo). É... Não. A gente sabe que não. A gente sabe que faltam profissionais ainda no Departamento.” Após a apresentação das oficinas com as adolescentes, será necessário retornar a alguns pontos da entrevista com a diretora.

3. Querem nos calar: As rodas de leitura

A antologia “Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta” é de organização da escritora e slammer, Mel Amaro Duarte. O livro conta com a participação de 15 autoras e poetisas feministas, inseridas nas diversas lutas interseccionais. Além disso, a leitura conta com o prefácio da autora Conceição Evaristo. O conceito de escrevivência defendido pela autora foi um dos pontos que motivou a adoção desse livro nos encontros com as internas na unidade. A palavra “Escrevivência” é trabalhada pela escritora Conceição Evaristo. O conceito foi desenvolvido pela autora como forma de ratificar a importância das mulheres negras protagonizarem suas narrativas. Em entrevista para o programa Estação Plural da TV Brasil, Evaristo (2017) disse

[...] me vem muito na memória a função que as mulheres africanas dentro das casas-grandes escravizadas, a função que essas mulheres tinham de contar história para adormecer os da casa-grande, né... a prole era adormecida com as mãos pretas contando histórias. Então eram histórias para adormecer. E quando eu digo que os nossos textos, é..., ele tenta borrar essa imagem, nós não escrevemos para adormecer os da casa-grande, pelo contrário, pra acordá-los dos seus sonos injustos. E essa escrevivência, ela vai partir, ela toma como mote de criação justamente a vivência. Ou a vivência do ponto de vista pessoal mesmo, ou a vivência do ponto de vista coletivo. (EVARISTO, 2017)

É baseada nas palavras de Conceição Evaristo que surge a ideia destas rodas. Uma iniciativa que promove a leitura e a escrita dentro de ambientes privados de liberdade a partir de encontros e oficinas que são realizadas pensando numa espécie de literatura que dialogue mais com a vivência dessas adolescentes. É fundamental pensar a promoção de autores diversos que trabalham o processo de escrita e letramento por ângulos complementares, mesmo que diretamente não teorizem sobre a questão, como: Carolina Maria de Jesus, Geovani Martins, Conceição Evaristo e outros escritores que já enfrentaram e narram a realidade da privação de liberdade como Samuel Lourenço Filho e Racionais. Torna-se imprescindível, mostrar para adolescentes internas a possibilidade e relevância delas realizarem suas escritas, relatos de seus cotidianos, sonhos e memórias.

Durante as oficinas foram apresentadas a motivação das autoras para a construção da antologia. O livro fala sobre a resistência e a importância de, mesmo estando em um sistema que é feito para calar nossas vozes, sejam procuradas formas de resistência. É uma leitura que demarca em suas páginas os atravessamentos de gênero, raça e classe. Em sua capa, há a figura de uma mulher negra gritando. O livro físico e fotos das escritoras (maioria negras) também foram apresentadas às adolescentes para que elas se familiarizassem ainda mais com as escritas ali apresentadas. Aqui serão mencionados dois dos textos do livro que foram discutidos na roda com as adolescentes, são eles: “Garganta” e “Manas”. Garganta é um texto de Roberta Estrela D’alva²

GARGANTA

A Garganta é a gruta que guarda o som.

A Garganta está entre a mente e o coração.

Vem coisa de cima, vem coisa de baixo e de repente: um nó.

² MC, diretora, pesquisadora e responsável pela chegada dos poetry slams (batalhas de poesia falada) ao Brasil. Membro-fundadora do Núcleo Bartolomeu de Depoimentos e do coletivo transdisciplinar Frente 3 de Fevereiro. Juntamente com Tatiana Lohmman, dirigiu o premiado documentário SLAM – Voz de Levante. Apresentadora do programa Manos e minas, na TV Cultura.

E o que eu quero dizer...
Às vezes acontece um negócio esquisito:
Quando eu quero falar eu grito,
Quando quero gritar eu falo.
O resultado?
Calo.
Camadas e camadas de medo e amor recolhido.
Fendas, rachaduras, suco, bolsas, adenoides, esfenoides, mariposas,
borboletas.
Dando adeus.
Dando a Deus.
Por que às vezes eu ainda fico só, sem Vós?
Sendo que tudo o que quero é estar com voz?
Por que Vós é quem me dá tudo.
É quem me dá a vida, o sustento e a alegria de cantar.
Por isso um dia pedi que Vós sempre comigo estivesse.
E um pensamento veio em resposta:
Duvidar que dentro de mim há voz não é o mesmo que duvidar de
Vós? (DALVA, 2019, pg 154)

Após ler o texto de Roberta, as adolescentes levantaram muitas questões sobre suas vidas antes e durante a privação da liberdade. Palavras como “sufocamento” foram mencionadas muitas vezes durante a roda. Uma das internas disse sobre um pesadelo que tem de maneira recorrente onde ela tenta gritar e não consegue, ninguém escuta. Ela narrou que quando acorda, naquele espaço, a sensação do pesadelo continua. Muitas delas disseram que o texto “Garganta” parecia ser escrito para elas. Michèle Petit fala sobre os leitores que leem os livros e os livros que leem os seus leitores. A autora, com esse jogo de palavras, destaca que muitas leituras que são realizadas também auxiliam o leitor no entendimento de si mesmo. Algumas das adolescentes demonstraram interesse em ler, mas não quiseram escrever a respeito do que tinham lido e perguntaram se haveria problemas em não mostrar material que elas mesmas produzissem. Durante o encontro foi conversado sobre as finalidades da leitura e da escrita e que a proposta não era obrigá-las a produzir uma escrita a partir das impressões que elas tiveram dos contos e poesias. É comum encontrar adolescentes na internação que acreditam que a leitura tem que ter um fim de produção, onde eles deverão obrigatoriamente escrever após lerem algo, como forma de mostrar uma espécie de evolução do seu quadro para a equipe técnica e juiz. Em Os jovens e a leitura, Petit defende que “mesmo que a leitura não faça de nós escritores, ela pode, por um mecanismo parecido, nos tornar mais aptos a enunciar nossas próprias palavras, nosso próprio texto, e a ser mais autores de nossas vidas.” (PETIT, 2008, p. 37).

É desafiador levar novas noções de letramento para adolescentes que cumprem medidas socioeducativas, pois a maioria deles tiveram relações traumáticas com a escolarização e com a leitura. Isso tudo dificulta nos processos de letramento dentro desses espaços, já que será necessário um duplo movimento: pensar letramento com eles e desmistificar falas preconceituosas que esses adolescentes ouviram nos espaços escolares que frequentaram.

Além das leituras difíceis e apresentadas de forma abrupta nos espaços escolares, outros livros que são amplamente divulgados em espaços como a socioeducação e o cárcere, são os de cunho religioso. Nos inícios das oficinas uma das questões mais trazidas pelas adolescentes eram a leitura da bíblia ou outros livros impregnados de uma moral cristã que visasse arrependimento, perdão divino e retorno ao evangelho. Grande parte das internas tiveram contato dentro e fora do sistema socioeducativo com movimentos neopentecostais e consumiam muitas leituras desses grupos dentro da internação. A assistência religiosa é direito previsto pelo ECA, contudo, no discurso das meninas, era perceptível que essas concepções e materiais de cunho religioso eram trazidos em outros momentos fora a assistência. Pertencer a um grupo religioso não é problema. A grande questão, necessária para as práticas de letramento, é compreender que a dimensão sociopolítica do educador não pode ser maior do que a oportunidade do educando fazer suas descobertas. Letramento não é doutrinação e a noção de imprimir algo na cabeça das internas, tornando-as receptáculos, não faz parte das ações que envolvem autonomia e entendimento de si. Um mediador que pensa as práticas de letramento como ato político respeita o tempo do educando e oportuniza a ele o entendimento de que ele pode realizar suas próprias escolhas. A fé ou o pacto com algo superior não é prerrogativa para romper a confiança que é estabelecida em tais práticas.

No livro “Relatório: panorama nacional da educação no contexto socioeducativo” (2023), organizado pelo instituto Alana em colaboração com os departamentos responsáveis pela socioeducação em internação nas unidades federativas, foi constatado que mais de 80% dos adolescentes que cumprem medida socioeducativa e que deveriam estar no início ou concluindo o Ensino Médio, ainda se encontram no Ensino Fundamental. O marco da evasão escolar, segundo Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), mostra que a maioria delas acontece na transição entre os 14 e 15

anos desses adolescentes, evidenciando que as taxas mais altas de abandono seguem paralelas ao início da juventude. O relatório ainda destaca que

Dessa forma, os indícios apontam que parte significativa dos jovens, quando iniciam o cumprimento da medida socioeducativa no meio fechado, já haviam interrompido os estudos e a grande maioria tem defasagem escolar. Em geral, são jovens que não tiveram seu direito à educação garantido e, muitas vezes, podem possuir uma relação de conflito e desconfiança com a escola. Assim, é imprescindível que, durante o cumprimento da medida, haja um esforço tanto para garantir a escola quanto para costurar uma nova forma de o jovem se enxergar enquanto estudante e de se relacionar com os saberes e com o ambiente escolar. (INSTITUTO ALANA, 2023, pg.30)

É fundamental que educadores em espaços diversos tenham paciência com o tempo e o processo do educando. Contudo, em ambientes com configurações como a educação de jovens e adultos em espaços singulares, essa espera também se torna política, pois deve-se haver o entendimento de que aquele sujeito teve seus direitos e processos de aprendizagem negados. Esse “costurar” deve acontecer de forma natural sem que haja perda da autonomia do educando. Durante a leitura do texto, foi possível perceber que as adolescentes não entendiam algumas expressões citadas como “adenoides” e “esfenoides”. Muitas demonstraram interesse em ler em voz alta para o grupo, mas se sentiam envergonhadas. Em momentos assim, mostrar que os pequenos progressos são grandes e que todos estão em lugar de aprendiz, faz toda a diferença na autoestima e no processo de aproximação daquela interna com a leitura.

Ao decorrer do encontro foram levantadas questões como: silenciamento, leitura, maternidade, raiva e namoros. Algumas das questões do cotidiano delas, no que confere o convívio umas com as outras, também surgiram quando o texto “Manas” da escritora e slammer Mariana Felix³ foi trazido para a roda.

MANAS

Experimenta trocar a frase de lugar:

Você me pergunta se eu já lavei a louça

E eu pergunto se pra guerra você já foi lutar

Mudou em quê? Em nada!

O machismo continua em nossas frases endereçadas ao outro gênero

Obrigação social em que reproduzimos o mesmo machismo nojento

³ Escritora, slammer, apresentadora e militante feminista. Tem dois livros publicados de forma independente: *Mania* (2016) e *Vício* (2017), ambos com poesias, crônicas e dissertações sobre o empoderamento feminino, a relação da autora com a cidade e o amor. Faz parte do coletivo audiovisual composto apenas por mulheres, *Prosa Poética*, além de integrar o espetáculo *Samba Poética*.

Eles que têm que entender: não sou obrigada!
A ajudar na renda da família e sozinha arrumar a casa?
Jornada dupla? Não quero! Não me agrada!
Mas se dividirmos os afazeres quem sabe a gente não arruma até a sala?
Não precisamos!
Nos igualar ao opressor
Seremos nós as causadoras de danos
Não me misturo!
E a cada soco dado em uma de nós
Com mais desprezo e ódio, sim, eu retribuo
Não na porrada...
O que faz dele um animal
É o seu ponto fraco
Eu quebro ele é na palavra
Eu ando armada! Da melhor arma!
Consciência e sensibilidade é marca
Em cada uma de nós já registrada!
Também sangro a cada mina violentada!
Eu entendo a guerra!
Mas você entende que muitos vão
E nunca mais voltam dela
Não quero perder mais guerreiras
Empoderar as minas também é ensiná-las a não marcar bobeira
Com mente, coração e corpo tão vulneráveis
É fazê-las entender que merecem, sim, um relacionamento de verdade
Com respeito, amor e amizade
E os caras? Ainda não viram nada!
Somos maioria, imagina todas nós empoderadas!
Mundo digno em que nenhuma de nós leve tapa na cara!
E esse mundo vai acontecer sem que eu precise dar golpe.
Eles não conseguirão me transformar em uma pessoa violenta
Pra que com a minha ideia ele concorde
Sou forte!
Sexo frágil é o que eles têm entre as pernas
Não se equivoque!
Se eles só sabem bater
Sabemos pensar, olha que sorte!
Juntas somos mais fortes!
Respeito cada qual no seu corre
Se manifestar é importante
Mesmo que você não seja do tipo black block
Entendeu o toque?
Não é touch screen
Não deixe só a internet falar por si
Quero ter certeza de que você sabe se virar sozinha
Porque à noite é só você e a rua vazia.
Volte pra casa bem, querida!
A violência que os homens praticam há anos não me define!
As manas me ensinaram o melhor grito de paz pra guerra na qual a gente vive:
“Meu bem, o choro é livre!” (FELIX, 2019, pg. 121)

A poesia de Mariana Felix provocou comentários desde o início, com o título. Algumas das adolescentes, quando leram o nome do texto, disseram que não gostavam do nome "manas" porque elas não se consideravam irmãs umas das outras. O comentário da diretora da unidade em relação a ciúmes entre as internas passou a tomar mais sentido, pois foi perceptível que, de alguma forma, há a crença de que uma tenta "roubar" a atenção que é dada a outra. Em muitos momentos, com a leitura do texto, se fez possível notar falas com rivalidade feminina. Foi conversado muito a respeito disso, citando presenças femininas que falavam a respeito da força que se tem quando mulheres se unem em prol da luta, que houve abertura para a discussão sobre o convívio na unidade. Foram trazidos nomes de outras intelectuais que defendiam o feminismo como prática não apenas de organização popular, como também de cuidado e processo de autocura, como defende bell hooks (1999) em *All about love*. Não apenas nesse encontro, como em outros, foi trabalhado a história do movimento feminista negro com figuras como a intelectual norte americana Audre Lorde.

Audre Lorde em "Irmã outsider: Ensaio e conferência" (2019) fala sobre os usos da raiva e como esse é um sentimento poderoso que pode ser usado não apenas para o indivíduo, como para a conquista de mudança social. A escritora e feminista negra e lésbica, na década de 80 falava sobre a diferença entre a culpa e a responsabilidade. Dentro de toda a luta histórica que Lorde presenciou em Nova York, no Harlem, sobre a conquista de direitos da comunidade negra e LGBT, ela entendia que não era a culpa dessa parcela da população toda a opressão que incidia sobre seus corpos. Entretanto, a escritora defendia que era responsabilidade das pessoas inseridas dentro dessas comunidades que tomassem posse do lugar que era delas por direito, reivindicando espaço no poder público. É fundamental, para que esse processo aconteça, que mulheres parem de se encararem como rivais e se vejam como irmãs. A partir das falas das adolescentes, foram encontrados pontos em comum nas memórias e narrativas que elas traziam para a roda. Sonhos e medos semelhantes. Trajetórias de vidas que se cruzavam principalmente quando o assunto era a família e a responsabilidade que incidiu sobre os seus corpos desde muito novas.

O corpo da mulher é usado de muitas formas na sociedade, seja para fins de reprodução, manutenção do patriarcado ou objetificação. Essas adolescentes, ainda crianças, foram em sua maioria, responsáveis pela dinâmica de suas famílias. Por

cuidarem de seus irmãos mais novos, se responsabilizam pelas refeições e limpeza da casa, sendo sempre instruídas por outras mulheres a ocupar o lugar do cuidado. Cuidado do outro e nunca de si. A escritora argentina Silvia Federici, em *o Calibã e a Bruxa*, faz uma analogia interessante para pensar a finalidade que a mulher vem sendo usada no capitalismo.

Nessa linha, *Calibã e a bruxa* mostra que, na sociedade capitalista, o corpo é para as mulheres o que a fábrica é para os homens trabalhadores assalariados: o principal terreno de sua exploração e resistência, na mesma medida em que o corpo feminino foi apropriado pelo Estado e pelos homens, forçado a funcionar como um meio para a reprodução e a acumulação de trabalho. Neste sentido, é bem merecida a importância que adquiriu o corpo, em todos os seus aspectos – maternidade, parto, sexualidade –, tanto dentro da teoria feminista quanto na história das mulheres. (FEDERICI, 2017, pg. 25)

Sendo assim, quando meninas não são apresentadas a outras possibilidades de existência e de encarar a si mesmas para além do cuidado do outro, haverá a reprodução de ideias machistas que estarão a serviço de uma sociedade que não equaciona a liberdade para mulheres, principalmente as negras, que enfrentarão, além do recorte de gênero, o recorte racial e muitas vezes de classe. Ao passo que a atividade ia se desenvolvendo, as internas começaram a narrar eventos onde elas tiveram seus corpos sexualizados na infância e abusados reiteradas vezes com os mais diversos tipos de violência.

Foi possível perceber que a relação delas com os estudos está diretamente atrelada à autoestima e a imagem que elas constroem delas mesmas. Questões como o corpo “ideal”, beleza, relacionamentos e abusos foram levantadas. Também surgiram momentos em que elas descreveram figuras femininas que foram/são extremamente relevantes em suas vidas, seja na imagem da mãe, da avó, de uma amiga ou até nas que tinham filhas. A partir da leitura e do debate, algumas das meninas que eram mães, disseram que ensinariam seus filhos a pensar mais sobre essas questões. Meninos e meninas, pois nas oficinas também foram fomentadas pautas sobre a importância dos homens se fazerem presentes na luta, mostrando como o sexismo e a violência de gênero também acaba se tornando prejudicial para ambos os lados.

4. Considerações Finais

Conclui-se que esse trabalho pretende não apenas pensar em formas existentes de educação e letramento em espaços socioeducativos em privação de liberdade, mas

também refletir novas maneiras de promover essas práticas tão relevantes pensando nas diversas interseccionalidades e especificidades que se fazem presente na internação. Godinho e Julião (2022) realizam a seguinte consideração

O afastamento entre a literatura e o mundo, bem como a valorização de uma suposta universalidade de determinados temas e valores humanos são responsáveis pela exclusão das produções culturais de grupos sociais historicamente silenciados. Esse processo de invisibilização não é novidade para o sujeito das culturas populares, nem se restringe ao âmbito da Cultura. Tão pouco é recente a reivindicação destes sujeitos pelo reconhecimento de suas manifestações culturais, inclusive literárias, como parte do patrimônio imaterial da sociedade. Estas produções oferecem a literatura um conjunto de obras que não silenciam os sujeitos e suas histórias de vida, que não tentam apagar o contexto social e as experiências de desigualdades e opressões de classe, raça e gênero que perpassam as identidades destes sujeitos, que configuram as condições materiais e simbólicas de sua existência. (GODINHO; JULIÃO, p.153)

Pensar em educação e letramento em medidas de internação ou no cárcere é pensar em políticas públicas que levem em conta os contextos diversos no qual esses indivíduos estão inseridos. Compreendendo que esses adolescentes são da responsabilidade do Estado e da sociedade. Eles e elas são relevantes. A socioeducação em internação, muitas vezes, é encarada como um prelúdio ao sistema penal, como se os adolescentes estivessem fadados a repetir “os mesmos erros”. É importante pensar maneiras que assegurem formas de visualização diferentes da que o tecido social promove.

Para tal, a figura do professor, educador, mediador, agente ou qualquer profissional que esteja atrelado aos processos educativos e de letramento dessas adolescentes na internação, terá um papel fundamental. Evidentemente, não deve ser de responsabilidade desses indivíduos todo o arcabouço sociocultural e econômico que essas internas atravessaram. Sabe-se que, os adolescentes que cumprem medida, precisam ter seus direitos assegurados e ampliados. Isso só acontecerá quando forem pensadas políticas públicas mais eficazes para lidar com esses adolescentes. Políticas que tenham o objetivo de entender as necessidades daquele sujeito e grupo e que pensem em possibilidades de futuro para eles. Não se trata aqui de políticas que tenham visão punitivista e que tenham em seu cerne a preocupação máxima de afastar esse adolescente que “deu errado” do convívio social. Precisa haver o entendimento da importância de entender que esses profissionais que trabalham diretamente com a internação, precisam

refletir suas práticas e agirem como facilitadores nesse contato das internas com a leitura. Isso é peça chave.

A leitura não assumirá papel salvacionista. O livro e as intervenções de letramento não “curam” ninguém, não é esse o objetivo ou função dessas práticas. Mas, a leitura pode auxiliar diretamente nos processos de autonomia, visão de mundo e de si e outras questões anteriormente mencionadas. Petit (2008, pg. 109). descreve a relação que o leitor pode criar com o livro: “podiam, dessa forma, sair de um modelo de vínculo social em que o grupo exercia um domínio sobre cada um. Era uma oportunidade de se dizer que poderiam ter uma opinião, em vez de ter sempre que se submeter aos outros”. Dentro da privação de liberdade o livro também representa ter um espaço próprio, que não pode ser invadido, que não segue a lógica ou a temporalidade do cárcere.

Mesmo pontuando o distanciamento que possuem da escola e de outros espaços formais de educação, algumas adolescentes conseguiram resgatar na memória, pessoas que foram amorosas nos seus processos de aprendizagem. Professoras que falaram sobre um livro ou profissionais de assistência social que viviam contando histórias de suas leituras. No quarto capítulo do livro "Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva", Michèle Petit traz a importância do papel do mediador de leitura para jovens em contexto de vulnerabilidade social. Uma juventude que não foi incentivada no seio familiar a ter intimidade com os livros e na escola tiveram tratamentos muito distantes e frios com o livro e com a forma como essas leituras eram aplicadas em seus estudos. Enquanto educadores que pensam nessas atividades como ato político, que entendem o livro como “arma” para pensar a autonomia, autoestima e sonhos de uma juventude que é socialmente excluída, faz-se emergente defender que é necessária a compreensão da realidade e contexto em que jovens e adultos estão inseridos. Dialogar com eles para compreender qual é o melhor caminho para, conjuntamente, construir novas relações com a leitura.

5. Referências Bibliográficas

EVARISTO, Conceição. Escritora Conceição Evaristo é convidada do Estação Plural: depoimento [jun. 2017]. Entrevistadores: Ellen Oléria, Fernando Oliveira e Mel Gonçalves. TVBRASIL, 2017a. <https://www.youtube.com/watch?v=Xn2gj1hGsoo>. Acesso em 15 de janeiro de 2023.

Federici, S. (2004). "O Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva". Tradução: Coletivo Sycorax. SP: Elefante, 2017

GODINHO, Ana Cláudia Ferreira - Remição de pena pela leitura no Brasil: o direito à educação em disputa / Ana Cláudia Ferreira Godinho, Elionaldo Fernandes Julião - 1.ed. - Jundiaí [SP]: Paco, 2022.

LORDE, Audre. Irmã outsider. 1. ed. Belo horizonte: Autêntica, 2019 [1984]. ISBN.

PETIT, Michèle. Leituras: do espaço íntimo ao espaço público. São Paulo: 34, 2013.

PETIT, Michèle. Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva. São Paulo: 34, 2009.

Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta / Mel Duarte (org.) ; ilustrações de Lela Brandão. -- São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

Relatório [livro eletrônico] : panorama nacional da educação no contexto socioeducativo / organização Instituto Alana ; coordenação Maurício Perondi, Bruna Rossi Koerich. – 1. ed. - São Paulo : Instituto Alana, 2023.